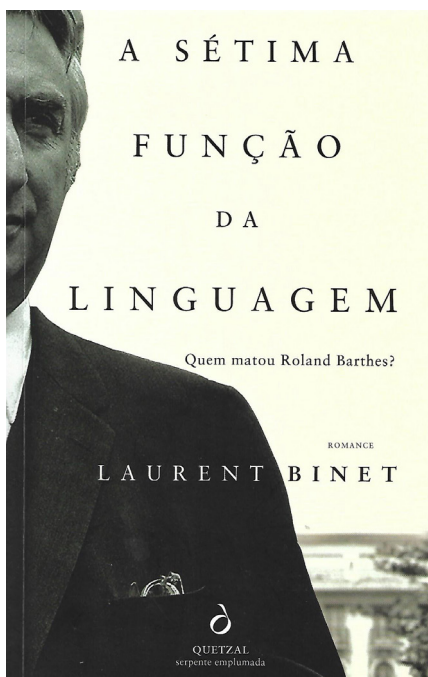


Laurent Binet: *A Sétima Função da Linguagem*. Lisboa: Quetzal, 2017. 467 pp. Tradução de Antonio Sabler.

José Barbosa Machado (UTAD)
Centro de Estudos em Letras

«Lembrem-se de que uma interpretação não esgota nunca o signo, e que a polissemia é um poço sem fundo de onde nos chegam ecos infinitos: nunca se esgota completamente uma palavra, nem sequer uma letra» (Binet 2017: 42).



O autor deste romance parte de um evento real, o atropelamento de Roland Barthes (1915-1980), o famoso semiólogo francês, ocorrido numa rua de Paris, para criar uma aventura entre o *triller* policial à inspetor Colombo (série de 1971-2003) e a paródia à Monty Python (série de cinema e TV de 1969-2014). Nele é retratada a elite intelectual parisiense do início dos anos 80, aparecendo como personagens Michel Foucault, Louis Althusser, Philippe Sollers, Julia Kristeva, Bernard-Henri Lévy (mais conhecido como BHL), Tzvetan Todorov, Jean-Paul Sartre, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, etc. A par destes, aparecem ainda John Searle, o filósofo analista americano, dis-

cípulo de John Austin; Noam Chomsky, o generativista do MIT; Antonioni, o realizador de *L'Avventura* (1960), filme citado na obra; e Umberto Eco, o semiólogo italiano.

O comissário Jacques Bayard que, por coincidência ou não, conduz um Peugeot 504 (o do inspetor Columbus era um Peugeot 403) é destacado para investigar o atropelamento de Roland Barthes, por haver fortes suspeitas de que não fora um simples acidente. O comissário começa por entrevistar Michel Foucault e procura ler algumas obras dos eminentes intelectuais franceses, numa vã tentativa de encontrar pistas para explicar o móbil do crime. No entanto, face à sua dificuldade em compreender o discurso me-

talinguístico bartheano e de seus contemporâneos, decide solicitar o apoio de Simon Herzog, um jovem professor de Semiologia na Universidade de Vincennes. Partem os dois numa longa e destrambelhada aventura, em demanda, primeiro, da causa do crime e, segundo, dos responsáveis.

Roman Jakobson (1896-1982), linguista russo, sistematizador das seis funções da linguagem, teria descoberto mais uma função, a sétima, de grande poder persuasivo. Esta função estaria baseada na teoria dos atos de fala de John Austin. Aquele que a possuísse, conseguiria convencer qualquer pessoa do que quer que fosse. Jakobson passa a sétima função da linguagem a Roland Barthes, que, ao sair de um jantar com François Mitterrand, candidato às eleições presidenciais francesas, acaba por ser atropelado para lhe roubarem. Espiões búlgaros, russos e japoneses estão envolvidos em toda a trama. Barthes, que sai apenas ferido do atropelamento, acaba por falecer um mês mais tarde no hospital, não dos ferimentos, mas de mais uma provável tentativa de assassinato, que nesse caso teria sido bem sucedida.

A ação passa-se sobretudo em Paris, com viagens dos principais intervenientes a Bolonha, Ithaca (USA), Veneza e Nápoles, onde se vão cruzando com os intelectuais referidos. A descrição que o autor faz deles é caricatural: gente arrogante, verborreica, ambiciosa, mesquinha, mais ignorante do que sábia, sexualmente promíscua, politicamente radical, vendida aos comunistas soviéticos e por isso capaz de trair o seu próprio país, perigosa e cheia de vícios.

Umberto Eco, um dos poucos que se sai mais ou menos ileso à crítica, quando em Bolonha é entrevistado pela equipa de detetives, fala-lhes da força da linguagem: «Desde a Antiguidade até aos nossos dias, o domínio da linguagem foi sempre o desafio político fundamental, mesmo durante o período feudal, que podia parecer consagrar a lei da força física e da superioridade militar» (Binet 2017: 218). E dá como exemplo aquilo que Maquiavel explica ao Príncipe: «não é pela força mas pelo temor que se governa, e isso não é a mesma coisa: o temor é o produto do discurso sobre a força.» Eco concluiu que, «aquele que domina o discurso, pela sua capacidade de suscitar o temor e o amor é virtualmente o senhor do mundo» (*Ibid.*).

O autor de *Lector in Fabula* (1979), obra citada, considera que, «se a sétima função existe, e tratando-se de um género de função performativa ou perlocutória, ela perderia uma grande parte do seu poder ao ser conhecida de todos» (Binet 2017: 244). Por outro lado, «o conhecimento de um mecanismo de manipulação não nos defende forçosamente dele – vejam a publicidade, a comunicação: a maior parte das pessoas sabe como funcionam, que recursos utilizam –, mas é influenciada por elas» (*Ibid.*).

Os detetives, na sua investigação, descobrem a existência de um perigoso e exclusivo Logos Club, uma espécie de grupo secreto de Illuminati, a que todos os grandes intelectuais desejam pertencer, e que poderá estar por detrás da morte de Roland Barthes. O clube reúne em determinadas cidades onde se levam a efeito debates entre dois voluntários que procuram vencer uma discussão através de recursos retóricos. O que perde o debate, perde também um dedo. O que vence, sobe na hierarquia, tornando-se orador, dialético, peripatético, tribuno e sofista, por esta ordem. O presidente do clube intitula-se Grande Protágoras e é considerado por todos os membros o orador máximo. Aquele que tivesse em seu poder a sétima função da linguagem subiria na hierarquia vencendo todos os debates e usurparia o lugar do Grande Protágoras, tornando-se no intelectual mais conceituado do mundo.

As várias cópias que existiam (em papel e em fita magnética) da sétima função da linguagem, ou eram falsas, o que levou a consequências desastrosas para quem a tentou utilizar, ou foram sendo destruídas. Restou uma verdadeira, na posse de François Mitterrand, que venceu as eleições presidenciais contra todas as expectativas. Mitterrand usou a sétima função da linguagem para convencer os franceses a votarem nele, cilindrando os seus opositores.

A conclusão do autor, baseando-se nas várias teorias dos filósofos, linguísticas e semiólogos que vão entrando em cena, é que a linguagem, através da sua hipotética sétima função, é uma das forças mais poderosas que o ser humano tem à sua disposição, mas, usada por pessoas sem escrúpulos, é capaz de ser mais nefasta que uma arma de destruição maciça. Roland Barthes foi vítima dos que dela tentaram apoderar-se.

Este livro, de leitura amena e divertida, dá-nos uma imagem viva das ideias sobre a linguagem (do ponto de vista filosófico, linguístico e semiótico) que fervilharam no mundo ocidental na segunda metade do século XX.

Ressalva-se na edição portuguesa a falta de uma revisão cuidada. São demasiadas as gralhas. A memória de Roland Barthes, autor de *Le Plaisir du Texte*, merecia ter sido melhor tratada na língua portuguesa.